

PROGRAMA DE HISTÓRIA

12.º ANO DE ESCOLARIDADE

**COMPONENTE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA
ÁREAS: HUMANÍSTICA**

**ENSINO SECUNDÁRIO
VERSÃO EXPERIMENTAL**

**PROGRAMA DE
HISTÓRIA**

**12º ANO DE ESCOLARIDADE
ENSINO SECUNDÁRIO**

(Versão experimental)

Ficha Técnica

Título:

Programa de História – 12.º Anos de escolaridade – Componente de Formação Específica – Área de Humanística

Editores/Autores:

Ministério da Educação

Coordenação:

Direção Nacional de Educação

Concetores:

Lourenço Gomes

Osvaldo Cruz

Validador:

António Leão Correia e Silva

Propriedade

Ministério da Educação

Palácio do Governo

C.P. 111

Tel.: +238 262 11 72 / 11 76

Cidade da Praia – Santiago

Data: setembro de 2024

Índice	Pag.
Introdução	4
1. FINALIDADES DA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA	6
1.1. Aprendizagens dos Alunos	6
1.2. Articulação com níveis anteriores particularmente o 11º Ano	6
1.3. Articulação no quadro dos estudos superiores relacionados com a via humanística..	7
2. OS GRANDES CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM.....	7
3 OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA.....	7
4 PROPOSTAS METODOLÓGICAS.....	8
5 SUGESTÕES DE ATIVIDADES, (INCLUI INDICAÇÕES DE USO DE FERRAMENTAS TIC PARA HISTÓRIA).....	9
6 QUADRO ORIENTADOR PARA O PLANEAMENTO DO ENSINO POR GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS E RESPETIVOS CONTEÚDOS.....	12
7 ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO.....	19
8 RECURSOS EDUCATIVOS RECOMENDADOS.....	21
Referências bibliográficas.....	23

Introdução

O presente programa destina-se ao último ano do 3º Ciclo do Ensino Secundário, mais concretamente à disciplina de História, na via específica de Humanística.

Para a sua eficácia e garantia de cumprimento de toda a planificação de conteúdos de História no Ensino Secundário, retoma-se o Programa do 11º ano da mesma disciplina, particularmente os temas que, de um modo geral e por variados constrangimentos ficam sem ser tratados e, assim, evitar-se lacunas no conjunto das aprendizagens nesta área. Com base nesta perspetiva, entram na parte inicial deste programa, conteúdos que integram uma unidade introdutória de transição do 11º para o 12º.

Este procedimento decorre da análise do cumprimento do programa do ano anterior, na totalidade do tempo letivo de 2023-24. Na sequência, previu-se que o presente projeto pedagógico do 12º ano, promovesse alguma continuidade em relação aos conteúdos do Programa do 11º ano, em vez de uma mudança brusca nos temas, não obstante, para a disciplina de História no 12º ano - Humanística ser reservada um planeamento do ensino direcionado para novas abordagens. Estas, não recairão apenas em fatos históricos, como geralmente ocorre até o 11º ano, mas sim, incidirão as aulas, na interpretação de fatos e acontecimentos, na linha do ofício dos historiadores, tal como incentiva Furet, F. (1982), na sua obra *L'Atelier de L'Histoire* e no estudo das diferentes perspetivas e teorias das Ciências Históricas, incluindo uma introdução à metodologia histórica, além de conceitos relevantes, focalizando-se, assim, a maior parte deste programa, na historiografia.

O propósito é continuar a reforçar competências nos alunos que escolherem a via específica de humanística e, assim, poderem prosseguir estudos superiores de forma natural.

O presente programa, como outros já em execução após revisão, vai de encontro às preocupações da revisibilidade do conhecimento de um modo geral e, particularmente, em História, neste nível de ensino. O exercício desenvolvido impôs uma exigente e criteriosa estruturação de conteúdos, deixando-se expresso, neste documento, a visão do currículo de estudos com algo realmente útil, tal como sugerem inovações curriculares pertinentes (Paraskeva, J. M., 2005: 105).

Neste mesmo exercício, busca-se o prosseguimento da construção de conhecimentos, acompanhada de atitudes e visões cada vez mais críticas nesta área de estudos.

Os alunos encontrarão nos conteúdos, um ensino e aprendizagem da História com referências didático-pedagógicas seguras, na linha daquelas aplicadas em níveis e anos anteriores, traduzidas em indicações metodológicas concretas e uma multiplicidade de atividades, concretizando-se, assim, o desiderato da qualidade, sustentadas pelas teorias contemporâneas da Educação (Bertrand Y., 2001:199).

O programa de História do 12º ano (Humanística), é concebido, seguindo uma perspectiva de inovação curricular. Da sua estrutura, além destas notas introdutórias, constam os seguintes itens:

Finalidades da aprendizagem de História

- Aprendizagens dos alunos;
- Articulação com níveis anteriores particularmente o 11º Ano;
- Articulação no quadro dos estudos superiores relacionados com a via humanística;
- Os grandes conteúdos de aprendizagem;
- Objetivos gerais do ensino da disciplina;
- Propostas metodológicas;
- Sugestões de atividades, (inclui indicações de uso de ferramentas TIC para história);
- Quadro orientador para o planeamento do ensino por grandes unidades temáticas e respetivos conteúdos;
- Orientações para a avaliação;
- Recursos educativos recomendados;
- Referências bibliográficas.

1. FINALIDADES DA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

1.1 Aprendizagens dos Alunos

O ensino da História, prossegue, no quadro deste programa do 12º ano (Humanística), com finalidades que orientam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos nos domínios estruturados como conteúdos deste mesmo programa. Inicialmente, através dos conteúdos de transição do 11º ano para o 12º ano, centrados na evolução política da história recente de Cabo Verde e os propósitos mais gerais deste programa, no que toca à aprendizagem dos alunos, preconizam:

- Conhecimento de contextos específicos da evolução política deste arquipélago do século XIX em diante;
- Compreensão dos processos luta de libertação nacional, da natureza do poder e da liderança política, após a proclamação da Independência Nacional e com a instituição do regime democrático.

O programa prossegue com a historiografia que tem como finalidade, no mesmo contexto de aprendizagem:

- O desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico nos alunos, através do exame crítico de narrativas históricas;
- Análise de diversas interpretações da história;
- O conhecimento de metodologias utilizadas pelos historiadores na construção do conhecimento histórico;
- Reflexão sobre a problemática das fontes.

1.2 Articulação com o 11.º ano e outros anos

A articulação com o 11º ano concretiza-se através de uma suave transição de conteúdos com base na qual os professores encontrarão uma via de conclusão da matéria do ano anterior. Dependendo de cada caso, e havendo necessidade, poder-se-á recuar a mais conteúdos do programa do 11º ano, não cumpridos no ano anterior, mas que não integram o presente programa. Nestes casos, apela-se ao recurso a um grande esforço de síntese, a fim de não ser posto em causa o prosseguimento normal deste instrumento de

planeamento do ensino. Assim é esperado que o foco seja dado, inicialmente, no grande tema de transição: *evolução política na história recente de Cabo Verde* e, desta forma, dar-se sequência aos conhecimentos adquiridos sobre os primeiros séculos de história transcorridos nestas ilhas até o século XIX, em anos anteriores.

1.3 Articulação no quadro dos estudos superiores relacionados com a via humanística

O programa do 12º ano (Humanística) confere competências nos alunos para prosseguirem estudos em áreas de formação voltados para a área humanística.

2. OS GRANDES TEMAS DE APRENDIZAGEM

Os grandes conteúdos de aprendizagem constantes deste programa de História - humanística, do 12º ano, fornece uma visão abrangente da trajetória de Cabo Verde desde a luta pela independência até a atualidade democrática, abarcando aspetos históricos, políticos e sociais, correlacionando com uma perspectiva holística do desenvolvimento da historiografia e das diferentes metodologias e enfoques utilizados ao longo dos tempos. Nesse contexto, é indispensável ao estudante o conhecimento e a compreensão das linhas de evolução da historiografia de Cabo Verde, produzida, os estudiosos «clássicos» e «modernos» e temas mais analisados pelos nossos Historiadores. Desta forma, os conteúdos organizam-se, abrangendo três grandes temas ou unidades,:

- *Evolução política na história recente de Cabo Verde*, integrado como unidade de transição do 11º para o 12º ano;
- *História, historiadores e historiografia*, unidade que reunido temas de cariz historiográfico, num primeiro momento
- *Dimensão tempo e história, problemática das fontes e outros saberes históricos: metodologia, limites e especificidade da História*, temas igualmente de cariz historiográfico, inseridos como última unidade temática.

3. OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA

Na organização do currículo, a nível institucional, no caso levado a cabo pelo Ministério da Educação, constam objetivos gerais do ensino, abrindo assim a possibilidade de contribuição

posterior dos professores, através da formulação de objetivos específicos ou comportamentais. (Rivilla, A.M. e Mata, F. S., 2005: 136).

Assim, as sugestões de objetivos gerais, inseridas mais adiante, no *quadro orientador para o planeamento do ensino por grandes unidades temáticas*, ajudarão, num nível de planeamento do ensino de médio prazo (trimestre) e de curto prazo (semana/aula) em sede própria ou seja, nas escolas, mais concretamente nas sessões de preparação metodológica trimestrais, nas reuniões semanais de coordenação e no dia-a-dia do professor. Assim, deverão ser os mesmos objetivos gerais, desdobrados em objetivos específicos pelos professores, visto que a respetiva formulação é da sua competência, tal como indica Proença, M. C. (1989: 259). Para o efeito, aconselha-se o ao uso de taxionomias de objetivos educacionais (Ferraz e Belhot, 2010).

4. PROPOSTAS METODOLÓGICAS

As metodologias, a seguir sugeridas, têm como propósito, tornar o ensino-aprendizagem um processo o mais fluido possível, capaz de fazer com que os educandos, segundo perspectiva de Antunes, M.C. P. (2001: 243), participem e façam parte das suas experiências educativas. Assim, são propostas variadas metodologias que são definidas nesta ótica, a poderem relacionar-se com distintas atividades, no desenvolvimento de conteúdos.

- ***Aulas expositivas de conteúdos (dialogadas e demonstrativas)***, baseadas num ensino programado, mas porque nem sempre estimula a construção do conhecimento pelos alunos, deve ser sempre complementada com outras metodologias;
- ***Aulas baseadas em trabalhos práticos individuais orientados*** - o professor ajuda os alunos a individualmente aprenderem, por iniciativa própria, partindo de uma situação problema (desafio), seguida de uma investigação individual por ele orientado, onde, por exemplo, os estudantes investigam e apresentam, em sala de aula, definições de conceitos, através da pesquisa em livros didáticos ou em internet;
- ***Identificação e discussão de um assunto que sirva de centro de interesse*** – um tema que o aluno pode interessar a qualquer momento e que poderá necessitar mais tarde. Exemplo as efemérides históricas e seus significados;
- ***Ensino a partir do problema, BPR – «Problem Base Learning», que parte de um tema da atualidade em debate na comunicação social.*** O problema é colocado e a partir do mesmo, suscita-se uma discussão que envolve os alunos e aí se vai buscar o conhecimento histórico disponível para se compreender o problema;
- ***Trabalho de grupo e auto aprendizagem (em sala de aula ou fora dela)***, para o qual o professor deve criar as condições, formando grupos de alunos, distribuindo tarefas e responsabilidades e assim, assegurar um ambiente positivo para a participação de cada aluno no grupo e depois na apresentação dos resultados;

- **Análise crítica de pequenos textos**– o material, texto escrito ou imagem deve ser disponibilizado ao aluno para leitura/interpretação, apoiada em guias de estudo ou perguntas programadas que serão, na mesma aula, analisados, originarão resumos a serem registados no caderno;
- **Preenchimento de tabelas**: exemplo: uma tabela que traz de modo incompleto causas e/ou consequências de um determinado facto histórico que os alunos vão acabar de preencher;
- **Respostas a perguntas pré-definidas** que serão depois registadas no caderno;
- **Elaboração e apresentação por alunos, de resumos de aulas ou de conteúdos** com intervenções complementares e participativas de colegas;
- **Criação de ambientes na sala de aula para o confronto de opiniões** sobre um tema exposto pelo professor ou pelos alunos, com intervenções de outros colegas complementando ou contradizendo as opiniões expostas;
- **Dramatização** – traduz-se, geralmente, em recriação de acontecimentos históricos pelos alunos, sob a orientação do professor;
- **Estudo de caso** ou seja, temas bem definidos que os alunos, individualmente ou em grupo, podem interessar e pesquisar de forma independente, fora do ambiente escolar, sob, a orientação, à distância, do professor, a fim de ser apresentado, para discussão na sala de aula.

É indispensável enquanto recurso metodológico que os alunos, por exigência do professor, se cuidem da boa utilização da língua portuguesa, nas intervenções em sala de aula e em outros contextos de aprendizagem, para se garantir, não só a correta estruturação do pensamento nesta língua, como também a devida destreza no seu uso e melhores proveitos da mesma língua, através da qual os mesmos acedem ao conhecimento.

No Ensino Secundário é de extrema importância as devidas articulações acima referenciadas, entre ciclos e anos de estudo, reportando, os professores, sempre que necessário, aos diferentes programas procurando, desta forma, a concretização da ideia que cada ciclo complementa e aprofunda os antecedentes e estes, por sua vez, projetam as etapas seguintes. A multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, na linha do pensamento de Fourez G. (2008), são também outras formas de abordagem didática que garantem articulações favorecendo o ensino-aprendizagem na via geral, nas componentes específicas. Ao mesmo tempo, desenvolvem os campos cognitivo, socio-efetivo e moral.

5. SUGESTÕES DE ATIVIDADES, (INCLUI INDICAÇÕES DE USO DE FERRAMENTAS TIC PARA HISTÓRIA)

A seguir são apresentadas sugestões de atividades que decorrem das metodologias acima enunciadas que podem abarcar o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de todos os conteúdos.

Análise de documentos e textos relevantes

Empregar diferentes fontes de informação históricas na elaboração de respostas para os problemas trabalhados na sala de aula, como globos e mapas, jornais, blogues especializados, objetos vários. A leitura e interpretação de textos e imagens devem proporcionar aos alunos uma atitude crítica perante as mesmas.

Análise de ilustrações

Sugere-se a utilização preferencial de gráficos de barras de uma só variável, lineares e sectorogramas, pois possibilitam uma melhor análise da informação a partir da imagem e uma melhor assimilação dos objetivos da aprendizagem pelos alunos, bem como tabelas, barras cronológicas, fotografias revelando figuras históricas e pensadores das ciências Históricas, entre outros.

Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação e os meios audiovisuais correlacionados, realçando o potencial das TICs no ensino-aprendizagem

A introdução da disciplina de TIC no Ensino Secundário é importante para as diversas disciplinas, principalmente para a História que trabalha muito com imagens. As tecnologias ligadas à internet, utilizadas de forma crítica e criteriosa, permitem o acesso e partilha de textos e ilustrações relativas a diversos temas e subtemas do programa, contribuindo para estabelecer novas dinâmicas no ambiente da sala de aula, estimulando a participação dos alunos e gerando maior motivação e envolvimento no processo de construção do conhecimento (França, S. S. (2009). Assim, os professores e os alunos de História estimulados a usar as TIC, na concretização de atividades de ensino e da aprendizagem nomeadamente: a pesquisa sobre temas introduzidos a serem tratados em sala de aula, preparação e apresentação de trabalhos (individuais ou de grupo), visualização de filmes e documentários históricos.

Trabalho independente (individual e de grupo)

Incentivar o trabalho independente (individual ou em grupo), por forma a promover a autonomia dos alunos para pesquisar, investigar, resultando em produções escritas, gráficas ou formulações orais. O trabalho de grupo permite construir coletivamente o conhecimento e é eficaz na promoção de uma aprendizagem duradoura. Há uma série de competências que os alunos podem exercitar: aprender a pesquisar, a seleccionar, a avaliar e a decidir. A interação permite não só aprofundar os conteúdos estudados, como também exercitar a comunicação e o saber ouvir, assim como cultivar o respeito pelo outro. Atendendo ao nível etário dos alunos, sugere-se a elaboração prévia de um

guião de investigação, estruturado por objetivos ligados a uma atividade que seja motivadora para os alunos.

Visitas de estudo

Visitas de estudo no âmbito do ensino/aprendizagem de História são incentivadas a serem programadas e realizadas. Podem concretizar-se através de deslocações, com fins académicos, sobretudo a arquivos, a fim dos alunos poderem observar de perto o ofício de historiador e os meios de investigação histórica, mas também museus, bibliotecas e outros espaços de pesquisa, onde é possível realizar a observação direta com fins de estudo e elaboração do competente relatório.

Debates/palestras/conferências

Aconselha-se a usar esta metodologia para promover o gosto pela participação e intervenção em público, bem como a desenvolver a comunicação e expressão da língua portuguesa. A sua utilização deve-se enquadrar no nível etário dos alunos. Pode ser aproveitada na apresentação de trabalhos individuais ou de grupo, bem como em concursos ou conferências promovidas por instituições públicas e privadas.

Elaboração de glossário de conceitos/Ficheiros temáticos

Sugere-se a organização de um glossário de conceitos, ficheiros temáticos, biografias, principalmente de estudiosos representantes das diferentes Escolas Históricas que possibilitem e orientem os alunos na realização das diferentes atividades de ensino/aprendizagem, individualmente ou em grupo, despertando-lhes o interesse para o uso das novas tecnologias como ferramenta de pesquisa.

Sempre que entender necessário, anotar no caderno palavras pouco familiares e o seu significado. No final do ano, o aluno já terá um conjunto de novas palavras apreendidas ao longo do ano.

Preparação e constituição de dossiers temáticos

A elaboração de dossiers temáticos contribuirá para incutir no(a) aluno(a) o interesse pelas mais diferentes técnicas de pesquisa, organização e seleção de documentos para elaboração de arquivos sobre conteúdos das aulas, assim como o aprofundamento de assuntos abordados nas aulas.

Neles poderão ser reunidos documentos escritos, fotocopiados ou impressos, imagens, gráficos, cartografias e outros materiais oportunos.

Comunicação através de redes de correspondência

Pelo seu lado lúdico, sugere-se o desenvolvimento de redes de correspondências entre alunos, professores e escolas de diferentes ilhas e porque não de outros países, com o intuito de trocar experiências ou informações sobre a disciplina.

VERSÃO EXPERIMENTAL

6. QUADRO ORIENTADOR PARA O PLANEAMENTO DO ENSINO POR GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS E RESPETIVOS CONTEÚDOS

GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS RESPETIVOS CONTEUDOS	OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA	CONCEITOS	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
História 12º ano (Inclui uma unidade de transição entre o 11º e o 12º Ano e unidades com foco na historiografia)			
<p>I. UNIDADE DE TRANSIÇÃO DO 11º AO 12º ANO - EVOLUÇÃO POLÍTICA NA HISTÓRIA RECENTE DE CABO VERDE</p> <p>1. Cabo Verde: resistência e libertação nacional</p> <p>1.1. Formas iniciais de resistência ao poder colonial</p> <p>1.1.1. As revoltas de escravos de 1835/36 e outras revoltas do séc. XIX.</p> <p>1.1.2. Revolta de Ribeirão Manuel (Santiago) em 1910</p> <p>1.2. A tímida génese de uma consciência nacionalista - os intelectuais dos anos 30 e o Movimento Claridoso.</p> <p>1.3. A resistência política que originou a implantação das Coloniais de Cabo Verde e Campo de Concentração do Tarrafal dos anos 30 a 70 do Séc. XX</p> <p>1.4. Contexto internacional após a 2ª Guerra Mundial</p> <p>1.3.1. A declaração Universal dos Direitos do Homem da ONU adotada em 1948.</p> <p>1.3.2. A conferência de Bandung de 1955</p> <p>1.3.4. Os processos de independência no continente africano, depois da 2ª Guerra Mundial</p> <p>1.3.4. O isolamento de Portugal no contexto europeu</p> <p>1.3.5. Iniciativas contra o colonialismo português a nível internacional.</p> <p>1.3.6. O papel da ONU no processo de descolonização das colónias africanas</p> <p>1.4. A luta anticolonial em Portugal.</p> <p>1.4.1. Ação da «Casa de Estudantes do Império.</p> <p>1.4.2. Amílcar Cabral e a difusão das ideias nacionalistas no seio de outros nacionais africanos em Portugal.</p> <p>1.4.3. Ação de Amílcar Cabral e de outras lideranças do PAIGC na luta de libertação nacional dos povos da Guiné e Cabo Verde</p> <p>1.5. A proclamação unilateral de independência da República da Guiné Bissau em 1973 e sua consolidação posterior.</p>	<p>Analisar os movimentos sociais de resistência e o desabrochar da consciência nacionalista na evolução política da História recente de Cabo Verde</p> <p>Conhecer o contexto internacional após a 2ª Guerra Mundial, favorável à luta de libertação nacional no Arquipélago</p> <p>Refletir sobre o simbolismo da coragem dos nacionalistas das colónias portuguesas e sobre o sofrimento vivido nas colónias penais, incluindo o de S. Nicolau e no Campo de Concentração do Tarrafal</p> <p>Descrever as ações de luta anticolonial em Portugal e da proclamação de independência da Guiné Bissau e repercussões na luta política em Cabo Verde</p> <p>Avaliar o contributo de Amílcar Cabral na fundamentação do PAIGC e na luta pela libertação nacional.</p> <p>Relacionar a proclamação unilateral da independência da Guiné Bissau em 1973, com a consolidação posterior da sua libertação completa e repercussões em Cabo Verde.</p>	<p>Resistência</p> <p>Revoltas sociais</p> <p>Movimentos sociais</p> <p>Consciência nacional</p> <p>Nativistas</p> <p>Claridosos</p> <p>Guerra Mundial</p> <p>Direitos Humanos</p> <p>ONU</p> <p>Luta anticolonial</p> <p>Reafirmação dos espíritos(segundo Amílcar Cabral)</p> <p>Luta armada</p> <p>Descolonização</p> <p>Independência Nacional</p> <p>Ideias nacionalistas</p> <p>Partido político</p> <p>PAIGC</p> <p>Liderança</p> <p>Militantes</p> <p>Herói Nacional</p> <p>Nacionalidade</p>	<p>Identificação e discussão de um assunto que sirva de centro de interesse – Exemplo: «As revoltas em Cabo Verde»</p> <p>Dramatização da recriação histórica s acontecimentos históricos – Exemplo- Concretização da agenda da Conferência de Bandung com seus diferentes protagonistas</p> <p><i>Ensino a partir do problema, BPR – «Problem Base Learning», que parte de um tema da atualidade em debate na comunicação social. – Exemplo: «O centenário de Amílcar Cabral. No ano de 2024»</i></p>

GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS RESPECTIVOS CONTEUDOS	OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA	CONCEITOS	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>2. A construção do Estado Cabo-verdiano e institucionalização do regime democrático</p> <p>2.1. Antecedentes mais próximos da Independência</p> <p>2.1.1. A Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal e suas repercussões em C. Verde;</p> <p>2.1.2. O Acordo de Argel assinado entre Portugal e PAIGC em 25 de Agosto de 1974;</p> <p>2.1.3. A luta política em Cabo Verde desencadeada pelos partidos vários partidos na clandestinidade – hegemonia do PAIGC</p> <p>2.2. O processo de transição política e instituição do estado em Cabo Verde</p> <p>2.2.1. Negociações para a Independência Nacional, formação do Governo de Transição e proclamação do Estado, a 5 de julho de 1975;</p> <p>2.2.2. Aspetos que favoreceram as negociações;</p> <p>2.2.3. Responsabilidade do governo de transição;</p> <p>2.2.4. Composição do governo de transição;</p> <p>2.2.5. Principais resultados das negociações feitas pelo governo de transição.</p> <p>2.3. A organização do Estado e sua organização a seguir à Independência Nacional</p> <p>2.3.1. Dificuldades sócio-ecómicas iniciais face aos problemas estruturais de cabo Verde</p> <p>2.3.2. As grandes opções dos primeiros governos</p> <p>2.3.3. A Crise política interna do PAIGC em 1979</p> <p>2.3.4. O fim da Unidade Guiné-Cabo Verde com o golpe de estado na Guiné Bissau em 1980 e criação do PAICV</p> <p>2.4. Percorso da institucionalização da democracia</p> <p>2.4.1. Abertura política de 19 de Fevereiro de 1990</p> <p>2.4.2. Criação do Movimento para a Democracia (MPD)</p> <p>2.4.3. Primeiras eleições democráticas a 13 de Janeiro de 1991 e vitória do MPD.</p> <p>2.4.4. Formação do novo governo e concretização do Estado de Direito Democrático</p> <p>2.4.4. O papel de Carlos Veiga e do seu governo na institucionalização do Estado de Direito Democrático</p>	<p>Relacionar os antecedentes mais próximos da descolonização portuguesa com o processo Independência de Cabo Verde</p> <p>Avaliar o contributo de Amílcar Cabral na fundamentação e na acção pela libertação nacional.</p> <p>Descrever a luta política em Cabo Verde desencadeada pelos partidos vários partidos (UCD,UDC, UPIC), na clandestinidade e a hegemonia do PAIGC.</p> <p>Caraterizar os passos da transição política e instituição do Estado em Cabo Verde.</p> <p>Analisar a instituição do Estado em Cabo Verde em contexto de partido único e suas grandes linhas de organização política e económica.</p> <p>Discutir os problemas internos do PAIGC e os desafios da unidade Guiné Cabo Verde até o fim da relação entre os dois estados</p> <p>Analisar o processo de transição política e democrática em Cabo Verde.</p> <p>Caraterizar a nova organização do Estado de Direito Democrático.</p> <p>Descrever o papel de Carlos Veiga, do seu governo e do novo parlamento na produção legislativas de reforço do Estado Democrático.</p>	<p>Revolução dos Cravos Luta política Assembleia Constituinte Estado República Hegemonia política Governo de transição Governo Monopartidarismo LOPE Cultura nacional Legitimidade nacional Unidade Nacional Reconstrução Nacional Unidade Guiné Cabo Verde Golpe de Estado Dissidência política PAICV UPICV UCID MPD Transição democrática Eleições Livres e democráticas Constituição da República Estado de Direito Democrático</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas do conteúdos (dialogadas e demonstrativas) • Trabalho de grupo e auto aprendizagem (em sala de aula ou fora dela). • Análise critica de pequenos textos ou imagens • Elaboração e apresentação por alunos, de resumos de aulas ou de conteúdos • Organização de um debate na turma: “ao Independência e a construção do Estado em Cabo Verde ou sobre «A institucionalização da democracia em Cabo Verde a partir dos anos 90 dp séc. XX».”

GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS RESPECTIVOS CONTEUDOS	OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA	CONCEITOS	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>II. HISTÓRIA, HISTORIADORES E HISTORIOGRAFIA (ESCOLAS HISTÓRICAS) DE DIFERENTES ÉPOCAS</p> <p>1. Que é História e que faz o historiador?</p> <p>2. Natureza, método e valor da História;</p> <p>3. Fundamentos científicos de uma reflexão teórica sobre a história e inteligibilidade do passado;</p> <p>4. Função individual e social da memória histórica;</p> <p>5. Historiografia Clássica - fundamentos</p> <p>5.1. Caracterização genérica</p> <p>5.2. Heródoto (484-425 a.C.) - o “Pai da História”,</p> <p>5.3. Tucídides (460-395 a.C.) - o “Pai do Rigor Histórico”</p> <p>5.4. Políbio (200-118 a.C.): Reconhecido de Roma antiga</p> <p>5.5. Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) e seus fundamentos sobre a escrita e interpretação da história de Roma antiga.</p> <p>5.6. Suetónio (69-122 d.C.) e seu foco em biografias dos imperadores romanos</p> <p>5.7. Tácito (56-120 d.C.) com sua abordagem cética e analítica da História</p> <p>6. A historiografia Cristã-Medieval:</p> <p>6.1. Descrição geral</p> <p>6.2. Santo Agostinho (354-430): Suas duas grandes obras: “Confissões” e “A Cidade de Deus” e sua filosofia da Patrística.</p> <p>6.3. São Bento de Núrsia (480-547): Fundador da Ordem dos Beneditinos e suas diretrizes para a vida monástica.</p> <p>6.4. São Tomás de Aquino (1225-1274): o influente teólogo e filósofo da Escolástica</p>	<p>Analisar o conceito de História e os procedimentos dos historiadores para escreverem sobre o passado ao longo do tempo.</p> <p>Refletir sobre a natureza, o método e valor da História.</p> <p>Reconhecer os fundamentos científicos de uma reflexão teórica sobre a história e inteligibilidade do passado e a função individual e social da memória histórica</p> <p>Debater sobre as bases da historiografia, clássica, seus mais influentes intérpretes e críticos bem como suas abordagens</p> <p>Compreender os fundamentos da historiografia Cristã-Medieval, os seus pensadores e suas abordagens traduzindo a essência da historiografia na Idade Média</p>	<p>História</p> <p>Historiador</p> <p>Método histórico</p> <p>Valor da História</p> <p>Passado</p> <p>Memória histórica</p> <p>Metodologia</p> <p>Neutralidade</p> <p>Objectividade</p> <p>Relato histórico</p> <p>História genética</p> <p>História humanista</p> <p>História científica</p> <p>História pragmática</p> <p>História Regional</p> <p>História como “mestra da vida”</p> <p>História Apologética</p> <p>Cristã</p> <p>Medieval</p> <p>Ordem monástica</p> <p>Escolástica</p> <p>Patrística</p> <p>Historiografia providencialista, universalista, repetitiva, Cíclica, Apologética, Apocalíptica</p>	<p>Aulas baseadas em trabalhos práticos individuais com apresentação de <i>glossário de conceitos e resumos temáticos</i></p> <p>Sugere-se também a apresentação de biografias de estudiosos representantes das diferentes Escolas Históricas</p>

GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS RESPECTIVOS CONTEUDOS	OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA	CONCEITOS	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>7. Historiografia do Renascimento e do Iluminismo: os exemplos de Maquiavel (Renascentista) e Voltaire (Iluminista)</p> <p>8. A historiografia dos Século XIX</p> <p>8.1. Referências gerais</p> <p>8.2. O Romantismo :Leopold von Ranke</p> <p>8.3. O Positivismo : Auguste Comte, Ernest Renan, Hippolyte Taine e Fustel de Coulanges.</p> <p>8.4. O materialismo histórico :Karl Marx e Friedrich Engels.</p> <p>9. A Historiografia no Século XX e na atualidade</p> <p>9.1. Contextualização genérica</p> <p>9.2. Escola dos Annales, a “História Nova “: O enfoque na História social e económica e a crítica ao positivismo (Marc Bloch).</p> <p>9.3. Importância da psicologia e da mentalidade na interpretação histórica (Lucien Febvre).</p> <p>9.4. A História do tempo longo e a análise das estruturas e longas durações. Fernand Braudel.</p> <p>9.5. Abordagens recentes sobre a história global e transnacional, comparações transculturais, o feminismo.</p> <p>9.6. A emergência da Historiografia africana</p> <p>9.7. História cultural e história pós colonial.</p> <p>9.8. A produção historiografia cabo-verdiana e sua importância na construção da identidade nacional</p>	<p>Conhecer os fundamentos da historiografia renascentista e iluminista, os seus estudiosos e suas abordagens entre os sec. XV e XVIII.</p> <p>Compreender as referências gerais da historiografia do Século XIX</p> <p>Reconhecer a essência e as repercussões do Romantismo, do Positivismo e do Materialismo Histórico na historiografia do Século XIX.</p> <p>Traçar linha historiográfica no Século XX e na atualidade, seus principais seguidores e seus contributos científicos</p> <p>Descrever os percurso da historiografia no Século XX e na atualidade, seus principais pensadores e suas diferentes abordagens</p> <p>Combater os mitos sobre a Historiografia africana.</p> <p>Analisar a História de África como uma História em construção.</p> <p>Investigar sobre principais linhas de evolução da historiografia de Cabo Verde produzida, estudiosos «clássicos» e «modernos» e temas mais analisados.</p>	<p>Renascimento</p> <p>Iluminismo</p> <p>Racionalismo,</p> <p>Humanista</p> <p>Individualismo,</p> <p>Antropocentrismo</p> <p>Crítica ,</p> <p>Enciclopedista</p> <p>Educativa</p> <p>Romantismo</p> <p>Positivismo</p> <p>Método científico</p> <p>Objectividade do conhecimento</p> <p>Materialismo</p> <p>Histórico</p> <p>Infra estrutura</p> <p>Superestrutura</p> <p>Relações de produção</p> <p>Forças produtivas</p> <p>Estrutura económica</p> <p>Revolução social</p> <p>Luta de Classes</p> <p>Capitalismo</p> <p>Comunitarismo</p> <p>Socialismo</p> <p>Comunismo</p> <p>Longa duração</p> <p>Historia Global,</p> <p>História económico e social</p> <p>Transnacional</p> <p>Mentalidade</p> <p>Pós colonial</p>	<p>Análise crítica de documentos e textos relevantes das diferentes correntes Historiográficas</p> <p>Aulas baseadas em trabalhos práticos individuais com apresentação de <i>glossário de conceitos e resumos temáticos</i></p> <p>Sugere-se também a apresentação de biografias de estudiosos representantes das diferentes Escolas Históricas.</p>

GRANDES UNIDADES TEMÁTICAS RESPECTIVOS CONTEUDOS	OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA DISCIPLINA	CONCEITOS	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>III. Tempo e história - noções fundamentais: Fontes e outros conceitos. Metodologia, limites e especificidade da História</p> <p>1. Tempo e história.</p> <p>1.1 Cronologia e Duração</p> <p>1.2 Periodização</p> <p>1.3 Noção de tempo em História</p> <p>1.4 Como calcular ou representar o tempo histórico?</p> <p>1.5 Eras, calendários e séculos</p> <p>2. Problemática das Fontes</p> <p>2.1. Conceção tradicional de documento ou fonte</p> <p>2.2. A revolução documental e o alargamento da noção de fonte</p> <p>2.3. Da crítica documental (interna e externa)</p> <p>3. A heurística e papel das ciências auxiliares da História</p> <p>3.1. A heurística ou busca e coleta de fontes históricas</p> <p>3.2. Papel crucial das ciências auxiliares da História na heurística</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paleografia • Epigrafia • Numismática • Paleontologia • Arqueologia Geografia <p>4. Objetividade e subjetividade (do historiador)</p> <p>5 A relatividade do conhecimento Histórico</p>	<p>Refletir sobre a dimensão tempo histórico e sua relação com a história</p> <p>Conhecer a problemática das fontes e do saber histórico</p> <p>Reconhecer a heurística como processo de busca e coleta de fontes históricas, para a produção do conhecimento histórico</p> <p>Demonstrar a importância das ciências auxiliares da História para o reforço da dimensão científica desta área de conhecimento</p> <p>Caraterizar a objetividade e subjetividade em História</p> <p>Problematizar o papel do historiador na construção da História e a relatividade do conhecimento histórico</p>	<p>Tempo em História</p> <p>Cronologia</p> <p>Periodização</p> <p>Eras</p> <p>Calendário</p> <p>Séculos</p> <p>Barra cronológica</p> <p>Fontes ou documentos históricos</p> <p>Crítica interna</p> <p>Crítica externa</p> <p>Heurística</p> <p>Ciências Auxiliares da História</p> <p>Objectividade</p> <p>Subjectividade</p> <p>Relatividade do conhecimento histórico</p> <p>Método Histórico</p> <p>Objecto Histórico</p> <p>A longa duração e a Historia estrutural</p> <p>Problema</p>	<p>Análise crítica de documentos e textos relevantes</p> <p>Exemplo: documentos transcritos retirados do corpo documental de História de Cabo Verde</p> <p>Ou</p> <p>Pequenos textos de estudiosos clássicos da História de Cabo Verde como Senna Barcellos</p>

VERSÃO EXPERIMENTAL

7. ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

A avaliação pode considerar-se como um processo contínuo e sistemático que permite detetar em que medida os objetivos educacionais foram atingidos (Proença, M C., 1989: 144). Por isso, é parte integrante do processo ensino/aprendizagem. Trata-se de um procedimento mediador na construção do currículo que se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos, onde o professor aparece como parte integrante de todo o processo.

Assim sendo, o professor deve ser perspicaz, utilizando uma didática interativa baseada numa observação gradual da participação e produtividade do aluno, de modo a não supervalorizar os resultados quantitativos das provas periódicas em prejuízo das observações diárias, gerando assim um estímulo constante no aluno.

A avaliação da evolução do aluno, isto é, do processo ensino e da aprendizagem, tem sido uma preocupação permanente dos professores, principalmente depois do desenvolvimento acelerado das TIC. Ao docente, cabe verificar e avaliar o rendimento dos alunos, analisando os resultados do ensino, reconhecer as diferenças na capacidade de aprendizagem dos mesmos, para poder ajudá-los a superar as suas dificuldades e avançar na educação académica.

O sistema de avaliação não deve ser visto como um processo inflexível. Torna-se necessário ter em atenção às diferentes trajetórias de vida dos discentes, o que implica uma maior flexibilidade, tanto na forma de ensinar, como na forma de avaliar, principalmente, quando se trata de discentes com necessidades educativas especiais.

Os princípios básicos que dão suporte ao processo de ensino e da aprendizagem são:

Incutir uma formação que não incide apenas na aquisição de conhecimentos, mas também no incremento de um grande leque de faculdades, valores e atitudes;

Determinar o que será avaliado, pois educar é uma tarefa muito abrangente que permite o desenvolvimento do indivíduo como um todo e envolve vários aspetos de aproveitamento, inteligência, e desenvolvimento sócio emocional do aluno;

Selecionar as técnicas adequadas de avaliar já que esta reflete tanto no trabalho do professor quanto na aprendizagem do aluno;

Utilizar uma variedade de técnicas de avaliação que proporcionem o diagnóstico dos resultados da aprendizagem da forma mais fiel possível, tendo em atenção os progressos e as dificuldades, corrigindo os aspetos menos conseguidos e estimulando os alunos aos estudos;

Ver a avaliação como parte integrante do processo de ensino e da aprendizagem, isto é, como um meio de diagnóstico do desempenho e a aprendizagem do aluno.

Modalidades da avaliação do ensino e da aprendizagem:

No campo educativo, são apresentadas três modalidades de avaliação, a saber: Diagnóstica, Formativa e Sumativa.

- *Avaliação diagnóstica* ou de pré-requisitos, permite que o professor determine quais são os conhecimentos e habilidades que devem ser retomados antes de introduzir os novos conteúdos previstos no programa (Haydt, 1997: 292). É uma avaliação que também possibilita conhecer a realidade no qual o processo de aprendizagem vai processar-se e verificar os avanços e as dificuldades do aluno, auxiliando na tomada de decisões, na definição de uma nova etapa de aprendizagem.
- *Avaliação formativa*, contribui, segundo Perrenoud (1999, p. 103), para a regulação das aprendizagens. Sendo a principal modalidade de avaliação, assume um caráter sistemático e contínuo, baseando-se na recolha, pelo docente, de informações relativas aos vários domínios de aprendizagem que demonstrem os conhecimentos e competências adquiridos, as habilidades e valores desenvolvidos, bem como as destrezas dominadas. Por ser contínua, permite verificar se os estudantes estão a alcançar os objetivos propostos, e redefinir, caso justificar, os mesmos.
- *Avaliação sumativa* que tem como função básica a avaliação final do aluno e tem função classificatória (Haydt (1997, p. 18). Esta modalidade cumpre um papel mais normativo, na escola, na medida em que permite apurar se o aluno está apto a dar seguimento aos seus estudos, pois permite a formulação de uma perceção global do seu desempenho, relativamente aos conhecimentos, habilidades e capacidades adquiridos ao longo de cada etapa (ano ou ciclo de estudo) no processo de ensino/aprendizagem.

A recolha de informações para a avaliação dos alunos (conseguidas através de cadernetas individuais) em função aos objetivos da disciplina, podem assumir, diversas formas:

- Perguntas orais ou escritas;
- Participação espontânea do aluno ou solicitada pelo professor;
- Trabalhos individuais ou de grupo, sua organização e apresentação;
- Trabalhos de pesquisas e sua apresentação;
- Caderno individual, fichas de trabalho, fichas formativas;
- Provas escritas e/ou orais;
- Assiduidade, interesse e conduta adequada.

8. RECURSOS EDUCATIVOS RECOMENDADOS

O ensino da História deve assumir uma metodologia adequada e que privilegia um diálogo permanente entre todos os intervenientes, principalmente entre os professores e os alunos. O professor da disciplina deve sempre criar estratégias que possam despertar no aluno o interesse pelos conteúdos programáticos e levá-los a perceberem a relação entre os acontecimentos passados com o nosso quotidiano.

As práticas pedagógicas no ensino da História devem estar voltadas para a compreensão e não apenas a memorização de factos do passado da humanidade. Assim, os alunos devem adquirir três competências fundamentais:

- Desenvolver capacidades em utilizar diferentes tipos de informações que possibilitarão o conhecimento de acontecimentos históricos, fundamentado na interpretação e comparação das fontes históricas;
- Compreender os acontecimentos históricos, situando-os no tempo, localizando-os no espaço e entender as suas relações com outros acontecimentos;
- Desenvolver habilidades de comunicar de forma adequada os conhecimentos, utilizando para tal um vocabulário específico da disciplina. Nesta linha aparecem os recursos didáticos como mediadores de conhecimento, contextualizando os conteúdos e proporcionando aos alunos a capacidade de compreender o mundo onde vivem e de dar significado ao que se aprende na disciplina de História.

Os recursos didáticos são componentes do ambiente educacional que estimulam os educandos, facilitando a sua aprendizagem. No entanto, e de acordo com a faixa etária em causa, a sua utilização exige uma planificação adequada aos conteúdos para que os mesmos sirvam de elementos de captação da atenção e interesse do aluno e não o contrário.

É fundamental trabalhar os meios didáticos de forma a estabelecer um diálogo na relação professor-aluno, dando novos rumos ao ensino/aprendizagem da História. O importante aqui não é utilizar o novo, mas sim buscar metodologias que permitem uma melhor assimilação dos conteúdos da disciplina.

Em determinadas situações, por carência de recursos tecnológicos, os professores devem ser criativos, buscando as melhores alternativas de adaptação possível, de modo a que os alunos sintam atraídos pela apropriação dos conteúdos.

Entende-se por recursos didáticos todos os materiais que podem ser utilizados nas salas de aula, desde de recursos materiais - quadro, marcadores, giz, manual escolar, imagens, revistas, jornais, textos, filmes, documentários, sons, globo terrestre, mapas, cartazes, quadros estatísticos, componentes eletrónicos variados, entre outros - ou recursos imateriais - tonalidade de voz e expressões corporais.

Sugere-se como recursos educativos para os conteúdos programáticos do 12.º ano de História:

- Manual escolar de História para o 12º ano, a ser elaborado, nos termos do presente programa e, como alternativa, manuais de história abordando, parte dos conteúdos deste programa relacionados com História Universal, produzidos em Portugal e/ou outros países, a historiografia cabo-verdiana explorando, os textos, as ilustrações, os gráficos, os quadros, entre outros.
- O quadro, sempre que necessário para reprodução de textos e determinadas figuras que exigem uma maior compreensão dos alunos;
- Artigos publicados nos jornais que sirvam de enquadramento a determinados conteúdos;
- Especialistas que podem ser convidados para abordar certos conteúdos;
- Documentários e os filmes que são meios importantes no processo de ensino/aprendizagem, pois são registos visuais que ficarão gravados na mente do aluno, facilitando a sua aprendizagem;
- Mapas históricos são ferramentas essenciais para o ensino da História, pelo que é necessário a sua presença na sala de aula;
- Componentes eletrónicos como o computador, data show, retroprojetor, câmara digital, são importantes quando planificados com antecedência para evitar perdas de tempo, sempre uma mais-valia;
- A internet, um meio rico em informações que também pode ser utilizado como recurso, tanto para o professor, como para o aluno, pois desperta nestes o gosto pela pesquisa e consequentemente o gosto pelo conhecimento;
- Os trabalhos de grupo, mesmo dentro da sala de aula, favorece a troca de conhecimentos entre os colegas, o sentido de ajuda mútua e, ao mesmo tempo, fortalece as relações de amizade entre os mesmos;

No entanto, convém salientar que não existe uma forma padrão de se ensinar, o que vale é a boa preparação e a criatividade do docente, uma vez que cada um tem o seu estilo próprio e cada turma as suas exigências inerentes à aprendizagem.

Referências Bibliográficas

A referências bibliográficas básicas para a História-Humanística - do 12 ano abaixo apresentadas, são de natureza específica à História e de caráter didático-pedagógico. Constituem um excelente subsídio, à partida, para auxiliar a elaboração do Manual para a referida disciplina.

Bibliografia específica à Historiografia Universal e de Cabo Verde

ALMEIDA, Antónia (1996) - Dicionário Breve de História. Lisboa, Editorial Presença

ARON, Raymond (1948) - Introduction à la Philosophie de l'Histoire, Essai sur les limites de l'objectivité Historique, Paris Gallimard.

ARON, Raymond (1969) - La Philosophie de L'HISTOIRE, Essai sur une Théorie Allemande de L'Histoire, Paris, J. Vrin.

ARON, Raymond (1974) – Dimensions de la Conscience Historique, Paris, Plon.

BARRACLOUGH, Geoffrey (1980) – Tendances Actuelles de L'Histoire, Paris, Flammarion.

BARRERA, José Carlos Bermejo (1994) – Entre Historia y Filosofia, Madrid, Akal.

BARTHES, Roland (1982) – “Le discours de l'histoire” in Poétique, 49, p.13-21.

BLOCH, Marc,(s.d.) Introdução à História, tradu. Portuguesa, Lisboa, Europa-América.

BOCCI II, Gianluca y CERUTI, Mauro(1994) – El Sentido de la Historia, la Historia como encadramiento de historias, version castellana, Madrid, Editorial Debate.

BOURDE, G.; MARTIN, H.(1990) - As Escolas Históricas, trad portuguesa, Mem Martins, Europa-América.

BRAUDEL, Fernand (1973) – História e Ciências Sociais, trad. Portuguesa, Lisboa, Presença.

BRITO, Nélida Maria Freire, (2006) - Tarrafal na Memória dos Prisioneiros, Lisboa, Edições Dinossauro.

BURCKE, Peter (ed) (1993) – Formas de Hacer História, Madrid, Alianza Editorial.

CARBONELL, Charles-Olivier (1987) - Historiografia , trad. Port., Lisboa, Teorema.

CARR, E. H (1963) -Les Catégories en Histoire, dir. Perelman, Bruxelles, Institut de Sociologie de l'Université Libre.

CARR, E. H.(1986) –Que é a História?, trad. Portuguesa, Lisboa, Gradiva.

CARREIRA, António (2000). Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878). Praia. Instituto de Promoção Cultural.

CHARTIER, Roger (1977) – Fazer História, dir.por Jaques Le GOFF e Pierre NORA, 1.Novos problemas, 2. Novas contribuições, 3. Novos objectos, trad. Port., Amadora, Bertrand, p.81-87.

CHARTIER, Roger (1992) - A Escrita da História – novas perspectivas, ed. Peter BURKE, S. Paulo, UNESP.

CHAUNU, Pierre (1974) – Histoire, Science Sociale, Paris, Sedes.

Cohen Zelinda (2007). Os Filhos Da Folha. Praia, Spleen Edições.

COLLINGWOOD, R.G. (1997) – A Ideia de História, trad. Portuguesa, Lisboa

Compagnon Bâtrice e Thévenin, Anne. Cronologia do século XX, Lisboa, Plátano Técnicas edições.

Correia e Silva, António (1998). Espaços Urbanos de Cabo Verde, o tempo das Cidades Porto Lisboa: CNCDP.

CORREIA E SILVA (2022). Noite Escravocrata, Madrugada Camponesa. Lisboa, Rosa de Porcelana.

CORREIA E SILVA, António (2004). Combates pela História. Praia, Spleen Edições

CORVISIER, André (1980) - Sources et Méthodes en Histoire Sociale, Paris, S.E.D.E.S.

CRUZ, Manuel (1981) - El historicismo, ciencia social y filosofia, Barcelona, Montesinos Editor.

FEBRE, Lucien (1977) – Combates pela História, trad. Portuguesa , 2 vols., Lisboa, Portugália.

FENTRESS, James e WICKAM (1994) – Memória Social, trad. Portuguesa, Lisboa, Teorena.

FLEISCHER,H.(1978) – Conceção Marxista da História, trad. Portuguesa, Edições 70.

FONTANA, Josep(1982) – História: Análisis del pasado y projecto social, Barcelona, Editorial Crítica.

FOUCAULT, Michel (1968) – As Palavras e as Coisas, trad. Portuguesa, Lisboa, Portugália.

Furet, François (1982). L' Atelier de L'Histoire, Paris, Flammarion.

FURET, François (1987) – A Oficina da História, trad. Port., Lisboa, Gradiva.

Furtado, Cláudio Alves (1993) - A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança–Santiago, Cabo Verde. Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.

- GARDINER, Patrick (1974) – Teorias da História, trad. Portuguesa, Lisboa, Gulbenkian.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1971) – Ensaios, III, Sobre a Teoria da História e Historiografia, Lisboa, Sá da Costa.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1985) -Historiografia (La) en Occidente desde 1945, Actitudes, tendencias y problemas metodologicos, ed.V.VASQUEZ DE PRADA, I. OLABARRI E A. FLORISTAN, Pamplona, EUNSA.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1995) -História a debate, ed. Carlos BARROS, tomos I a III. Santiago de Compostela.
- GOFF (LE), Jacques, LADURIE (LE) Roy, DUBY, Georges, e outros (1978) – A Nova História, edições 70, Lisboa.
- Gomes Lourenço (2020). Monumentos: História e Interpretação. Praia, Fundação João Lopes.
- Gomes, Lourenço (2011). Urbe, Memória e Crítica da Arte. Praia, Edições Uni-CV
- GRIBBIN, John – A trama do tempo, Trad. Portuguesa, Mem Martins, Europa-América,1988.
- HADDOCK, B.A. (1989) – Uma Introdução ao Pensamento Histórico, Construir o Passado, Gradiva, Lisboa, 1º edição.
- HANDLIN, Oscar (1982) – La verdad en la historia, tradu. Castelhana, México, Fondo de Cultura Económica.
- HANDLIN, Oscar (1988) -História e Historicidade, trad. Portuguesa, Lisboa, Gradiva.
- História Geral de Cabo Verde Vol. I, II e III. Lisboa/Cidade da Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal /Instituto de Investigação Cultural de Cabo Verde.
- HOURS, Joseph (1979) O Valor da História, Almedina, Coimbra.
- Ki- Zerbo , Joseph (1979). História da África Negra I. Lisboa, Publicações Europa-América. Coleção Biblioteca Universitária.
- Lopes, João (2003) - Introdução à Cultura Cabo-verdiana. Praia. ISE.
- Lopes, João (2006) - Abolição da escravatura em Cabo verde: subsídios para o seu estudo. Praia: Spleen Edições
- Lopes, João (2015)- Cidade Velha – Ribeira Grande de Santiago. Praia, PUBLICOM.
- Lopes, José Vicente (2002), Cabo Verde. Os Bastidores da Independência, Spleen edições, Cidade da Praia, Cabo Verde.
- LOZANO, Jorge (1987) - El discurso histórico, Madrid, Alianza, Editorial.

MARAVALL, José António (s.d) – Teoria del Saber Histórico, Madrid, Revista de Occidente.

MARROU, H. I. (1974) – Do Conhecimento Histórico, trad. Portuguesa, Lisboa, Aster.

Matos, Artur Teodoro (2005). MATOS, Artur Teodoro de (Coordenação de) – A colonização Atlântica. Lisboa: Editorial Estampa.

MENDES, José M. Amado (1987) - A Historia como Ciência ; Fontes, Metodologia e Teorização, Coimbra Editora.

MORA, José Ferreter (. s/d.) – Visões da História, trad. Portuguesa, Porto, Rés-Editora.

MORA, José Ferreter (1978) -Nouvelle Histoire (La)- dir. Le Goff, Paris, Retz.

NAVARRO, Francesc [dir] (2005)- História Universal. Lisboa, Público/Salvat

PALMER, R.Colton, J, (1980) - História Contemporânea Madrid, AKAL, Editores

PEREIRA, Daniel (1988) - Marcos Cronológicos da Cidade Velha. Praia, ICLD.

PEREIRA, Daniel (2004)- A importância Histórica da Cidade Velha (Ilha de Santiago de Cabo Verde). Praia: Instituto da Biblioteca Nacional.

PEREIRA, Eduardo (2014). As revolutas. Praia, Imprensa nacional.

Rémond, René, (1994). Introdução à História do nosso tempo, Lisboa, Gradiva.

SOUSA (de), Daniel (1982) - Teoria da História e conhecimento histórico, Livros Horizonte, Lisboa.

UNESCO (2010). História Geral da África, vol. I - VIII. UNESCO, Brasília.

VILHENA-Magalhães (de) Vasco (1981) - História, Ciência Social, Livros Horizonte, Lisboa.

ÉVORA Roselma (2001). Abertura política e o processo de transição democrática em Cabo Verde. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

Bibliografias de carater didático-pedagógico

Antunes, Maria da Conceição Pinto (2001)- Teoria e Prática Pedagógica. Lisboa, Instituto Piaget

Bertrand Y., (2001) - Teorias Contemporâneas da educação. Lisboa, Instituto Piaget

Canabarro, Ivo (2008) -Teoria e métodos da história. Rio Grande do Sul, Coleção Educação a Distância.

Ferraz, A. P. D. C. M.; Belhot, R. V (2010) - Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gestão Produção, p. 423.

Fourez G. - Dir. (2008) -Abordagens didáticas da Interdisciplinaridade. Lisboa, Instituto Piaget

França, Syntia Simioni (2009) - Tecnologia de Informação e comunicação no ensino de História. S. Paulo, Editora Casa de Ideias.

Haydt, Regina Célia Cazaux (1997) - Avaliação do processo ensino – aprendizagem. 6^a ed. São Paulo: Ática.

Paraskeva, J. M, - Org. (2005) - Um século de Estudos Curriculares. Lisboa, Plátano Editora

Perrenoud, Philippe (1999) - Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED.

Proença, Maria Cândida (1989) - Didática de História – Textos Complementares. Lisboa, Universidade Aberta.

Proença, Maria Cândida (1989) - Didática de História. Lisboa, Universidade Aberta

Rivilla, António Medina. e Mata, Francisco Salvador (2005) - Didática General. Madrid, PEARSON EDUCACIÓN SA.



Cântico da Liberdade

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza.

Com dignidade, enterra a semente
No pó da ilha nua;
No despenhadeiro da vida
A esperança é do tamanho do mar
Que nos abraça,
Sentinela de mares e ventos
Perseverante
Entre estrelas e o Atlântico
Entoa o cântico da liberdade.

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza!